

MEU
ASAR
COM AS
MULHERES

Panda Books

Panda Books

**MEU
ASAR
COM AS
MULHERES**

RAFEL CORTEZ



© Rafael Cortez

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Capa
Carolina Ferreira

Diretora comercial
Patty Pachas

Projeto gráfico
Mario Kanegae

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Foto de capa
Rodrigo Schmidt

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Diagramação
Carla Almeida Freire
Carolina Ferreira

Assistentes editoriais
Juliana Silva
Mayara dos Santos Freitas

Preparação
Cintia Shukusawa Kanashiro

Assistente de arte
Carolina Ferreira

Revisão
Lucas Cartaxo

Impressão
Loyola

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Cortez, Rafael

Meu azar com as mulheres / Rafael Cortez. – 1. ed. – São Paulo:
Panda Books, 2015. 136 pp.

ISBN 978-85-7888-521-2

1. Humorismo brasileiro. I. Título.

15-24079

CDD: 869.97

CDU: 821.134.3(81)-7

2015

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite também nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Este livro é para você, homem ou mulher, que é como eu (apesar de eu não ser “homem ou mulher”, e sim só “homem”). Ou seja, se você é como eu, isso quer dizer que você não se dá bem na vida afetiva. E por que isso mesmo? Porque o mundo está contra nós. A gente é legal pra caramba (pelo menos eu sou, segundo a minha mãe). A gente mantém a higiene em dia. A gente falamos direito. A gente é demais, mas o mundo nem sempre é justo. Prova disso é a Gisele Bündchen casar com um gringo, e não comigo ou qualquer amigo meu, ou a gente não ser parente de xeique árabe. Foda. Mas enfim, este livro é nosso, turma. É nosso, mas é o meu nome que está na capa e é pra mim que vão pagar alguma coisa se vender bem, ok? Divirtam-se!

Panda Books

Apresentação

Este livro é dedicado a vocês, mulheres, não importa se jovens ou velhas, bonitas ou feias, pobres ou ricas, que trabalham ou não, “pegáveis” ou não. Este livro é para toda e qualquer mulher que possa vislumbrar o quanto sofre um homem quando uma das constantes em sua vida é fracassar com uma de vocês, minas. Reiterando, aqui estou falando por mim e por amigos que eu sei que se espelham na minha dor (tamos juntos de novo!). Sim, mulheres, algumas de vocês vão ler e vão rir da minha cara. Outras, por já terem tido algo comigo, vão constatar que ainda estou na mesma (podemos voltar? Por favor!). Outras, por mera curiosidade, talvez perceberão em mim um pobre sofredor. Por fim, sei que outras de vocês lerão para entender essa grande contradição de eu ser eu sem ter o meu eu preenchido pelo talvez *seu* eu, saca? Opa, é o seu caso, senhorita? Saiba, você me interessa muito! Me escreve depois da leitura lá no Face, ok? E caras, essa é minha e ninguém tasca!

O livro surgiu quase por acaso. É uma coletânea dos contos de humor que tenho escrito nos últimos dois anos. E, até para minha surpresa, descobri que um tema presente em muitos deles foi justamente meu azar com as mulheres. O curioso foi descobrir que, se fossem publicados um atrás do outro, eles formariam uma história da minha vida amorosa. Já que a fórmula deu certo com as músicas do ABBA, por que não fazer o mesmo?

Espero que vocês gostem!

Rafael Cortez

1

Pra começo de conversa: quando se trata de amor, relação homem-mulher, sexo etc., quanto mais jogarmos limpo, melhor. Acredito em seres humanos que não cresçam alienados quando os temas são a arte da sedução, a sexualidade e a conquista. Sabendo das coisas como elas exatamente são, melhor pra todo mundo. A batalha amorosa pode ser travada com todas as armas necessárias, e as chances de êxito são maiores para cada bravo combatente do coração (ooohhh!).

Lembro que eu fui uma criança um pouco protegida demais. Quando eu questionei, minha família ficou inventando desculpas para explicar por que eu, menino, tinha torneirinha, e por que a amiguinha da sala, menininha, tinha fechadura. Entendem a questão? E eu passei anos vendo meu

pai como um jardineiro por ter colocado uma sementinha na minha mãe. Custava falar a verdade?

O fato é que meu excesso de ingenuidade fez de mim um garoto bobo, um menino inseguro. Por muito tempo foi assim, e não foi legal. Isso, de cara, começou a me atrapalhar com as mulheres – e ainda atrapalha!

Pensando nessa “falta de tato” ou nesse “excesso de zelo” dos adultos para contextualizar para as crianças as sacanagens da vida, quero iniciar o livro com uma ficção que trata do Toninho e do dia em que ele deixou uma família de cabelo em pé diante do despertar da curiosidade sexual. É um breve texto para abrir o apetite e entrar de cabeça, na sequência, no tema proposto neste livro!

Incidente familiar

Toninho brincava com a couve-flor refogada em seu prato na hora do almoço. Como de costume, ficava em seu mundinho de criança fazendo sons de monstro, enquanto dizia à hortaliça que ele era um gigante que devoraria mais aquela árvore. Eis que o pequeno Toninho parou tudo, fitou o pai (que palitava displicentemente os dentes à procura de um pedaço de paio perdido entre os molares superiores) e soltou essa:

– Paiê, que que é xoxota?

A mãe do Toninho, dona Lourdes, quase cuspiu o suco de uva, de tão chocada que ficou. Tati, a irmã mais velha, de 16 anos, fez uma cara de quem diz “não vou mostrar a minha, se vira”. O Léo, pré-adolescente que já devia estar na pós-graduação sobre o tema citado, nem terminou a gargalhada de deboche, já tomou um croque de seu Moacir, o pai, que agora pousara o palito na orelha para repreender o púbere:

– Isso é coisa que fique se falando pro seu irmão? Ele só tem cinco anos de idade!

– Mas eu não fiz nada, véio!

– Não me chama de “véio”, seu pervertido! Não fez, mas pensou...

E a discussão começou a correr solta na mesa, ao passo que o Toninho ficava ainda mais confuso.

– É de comer? – interrompeu o Toninho.

Seu Moacir sacudiu o punho cerrado para o Léo, que engoliu a piada óbvia em seco. Quem riu foi a Tati, mas de nervoso. E dona Lourdes a olhou friamente com uma cara de quem pergunta: “Ficou ruborizada por quê, sua sem-vergonha?”.

– Escuta aqui, peste. Quer dizer, filho amado do papai. Quem foi que te falou essas coisas, hein? – a orelha do Léo já estava em brasa na mão do Moacir.

A resposta do Toninho veio embalada por uma vozinha pura e inocente:

– Uma menina da escola falou que ia me mostrar...

Foi um Deus nos acuda. Todo mundo começou a falar ao

mesmo tempo. Menos o Léo, que massageava a orelha, já poupado da bronca injusta e com um leve sorriso no rosto. Ele ia imaginando quem seria a tal menina e se ela não teria mais idade que o Toninho. Já pensou?

– A culpa é sua, Moacir! – bradou a mãe. – Você não dá atenção para nenhum dos seus filhos direito! Agora esse menino, que tinha de ser um anjinho, já está na mira dessas meninas periguetes da escola, porque não tem uma figura paterna decente em casa, que minimamente o blinde desse tipo de maldade! Maldita a hora que eu fui casar com você! Bem que minha mãe me avisou!

– Não vem, não! – respondeu já de pé o Moacir. – Se ele tá na mira de periguite, a culpa é sua, porque *você* é que deixa essa sua filha usar essas minissaias de sem-vergonha, passar maquiagem desde cedo e ficar cada vez mais parecida com uma!

– Eu não sou periguite!!! Se tem alguém podre nessa casa é esse moleque dos infernos! – e a Tati tascou um croque no Léo (que já ria de novo), e bem no mesmo lugar do primeiro, para não dar tempo de sarar. Os dois começaram a se engalfinhar na porrada, e saiu todo mundo da mesa entre gritos, acusações, xingamentos e baixarias, típicos de uma família descontrolada, ávida por uma intervenção psicológica.

Quem ficou sem entender nada foi o Toninho. No dia seguinte, a família o proibiu de ir à escola. Nos demais, os professores (também já apavorados e sob gigantesca pressão dos pais) não o deixaram a sós com nenhuma menina, em nenhum momento. Uma semana depois, o Toninho passou a estudar à tarde, e não

mais de manhã. A dita xoxota da menina, ele ficou sem ver. Aliás, a tal da xoxota virou um verdadeiro tabu familiar, a ponto do Toninho passar a ter medo dela.

E o tempo passou, e um dia o Toninho, já conhecido como Tonny, saiu de casa escorraçado pelo bronco do pai. Seu Moacir ficou possesso ao saber que ele estava namorando o Paulo, “um amigo da facul”. Mas isso já é outra história...

• • •

Panda Books

2

Pois bem, passada a história do Toninho, vamos focar agora, aqui, na minha. Como eu já disse a vocês, eu fui um menininho muito protegido. Um jovem mancebo que custou a entender as maldades da vida e das pessoas.

Talvez por isso eu tenha ingressado na vida sentimental com mais dificuldade que os meus coleguinhas. Eu era mais bobão, meio “café com leite”. Mas eu também amava, também queria minhas namoradinhas, e foi de coração aberto que tive o meu primeiro amor. E olha, é preciso ser muito homem e muito corajoso para expor minha intimidade sentimental infantil, como eu farei no texto a seguir. Vocês entenderão o que digo. Leiam aí...

Recadinhos do primeiro amor

Segue um importante documento da minha vida. Vou compartilhar com você, de modo a revelar como foi o meu primeiro amor. Eu tinha oito anos de idade. E eu amava como o cantor Roberto Carlos ama um paletó azul-claro. Ah, o amor...

Minha paixão era uma linda garota, filha de franceses, de nome Elodi. Também tinha oito anos. Estudava na mesma sala que eu, mas se sentava nas fileiras da frente (onde, em geral, ficavam os melhores alunos). E eu comecei uma troca de mensagens com minha musa lá da minha cadeira do fundão, com a folha do caderno indo e voltando, passando de mão em mão pelo recinto até chegar dela para mim e ir de mim para ela, aaahh...

No conteúdo, o melhor das nossas emoções, na mais pura idade. Ai, ai...

Deleitem-se!

Eu:	Elodi
	Seu nome tem 5 letra
	Qui moran no meu corasão
	Si eu ti compra uma caneta
	Vosse açina o seu nome na alianssa da minha mão?
Ela:	Meu nome tem seis letras. É ELODIE.

Eu: Ah ah ah ah ah! Foi mau.
Que toma sorveti depois da aula?

Ela: Não posso tomar SORVETE com você. Depois a gente fala, estou prestando atenção na aula. Je me suis concentrée!

Eu: Devi ser muito difiçiu fala alemao?

Ela:

Eu: Sabia qui na minha rua tem uma minina que já pegou otógrafu da Simoni?

Ela: Quem?

Eu: A Ana!

Ela: Non, imbecile! Quem é Simoni?

Eu: Do Balão Mágico. Mais vossê é mais bunita que a Simoni. E qui a Ana...

Ela: Tá, tá. Depois a gente conversa. Faz a lição, porque eu não vou mais passar cola pra você. Je suis fatiguée!

Eu:	Ô, vamu brinca de pera uva massa saladamistata? ZUERA!! Num entendi nada dessa coisa de números primos. Será qui tem número irmão número pai e mãe também? Hahaha! Inda vo se umoristico! ZUANDU!
Ela:	Rafael, eu NÃO GOSTO DE VOCÊ. Quero namorar com o Edinho. Tchau! Elodie - com E no final.
Eu:	Eçe Edinhu é um bosta! Vo quebra a cara dele
Edinho:	AE MANU A ELOD MOSTRO O BILHETI VO TI MATA NA SAIDA SEU CUSÃO ARROMBADU VAI MORRE
Eu:	Sacanage! Elodi fala qui eu tava zuano!
Ela:	Não posso fazer nada. Você que começou.
Ana, Paula,	Edinho,
Kelly, Kátia,	Nós, as meninas da sala, pedimos em nome do Rafael pra
Andreia Bispo,	you não matar ele. Ele tá chorando. Deus tá vendo. Pega o
Cláudia, Silmara,	dinheiro do lanche dele que a gente colocou com a carta, mas
Tati Lopes, Tati	poupa a vida dele. Cuidado com o Inferno. Deus tá vendo.
Mendes, Pri e	
Luiza Fusco	

Edinho: DESSAVEISPASSAMAISNAPROSSIMAVAI MORRE

Ela: Você tá melhor? A professora teve que te dar água com açúcar. Parecia um bebê chorão!

Eu: É qui caiu siscu no meu olhu. Me dá uma xance?

Ela: Eu aceito tomar o sorvete. E olhe lá. É sua única CHANCE comigo. Vous avez gagné. Hoje, depois da escola. Mas você paga.

Eu: Hoji num dá mais o Edinho fico com meu dinheiro do lanxe pra naum mata eu

Eu: Responde

Eu: Pq tá devovendu sen resposta

Eu: ELODI

Eu: ELODI!

Eu: Num vai fala mais? Pode se amanhã?

A troca de recados só parou (eu acho que estava quase lá!) porque o papel foi interceptado pela professora... Que entregou o documento para os meus pais, não sem antes me dar nota zero por causa dos inúmeros erros de português. Maldita! Ainda bem que o tempo passou e aquilo de não manjar bem de gramática foi uma exceção* na minha vida. Bola pra frente!

Quanto à Elodi, continuo não pondo a porra do E no fim do nome dessa peste. Mas agora é porque eu tô *cagando* pra ela!

• • •

* Nota do editor: Rafael quis escrever “exceção”.

3

Graças a Deus a infância passou e veio a adolescência. Ah, a fase dos hormônios. Ah, o potencial absoluto dos sentidos. Ah, os *teenagers* que se dão muito bem e pegam geral! Uhuuuu!!!

Bom, comigo não rolou nada disso. E a culpa é de uma redação que escrevi no terceiro colegial (eu sou da época em que se chamava assim). Vocês vão entender.

O tema era livre, e eu poderia ter escrito sobre qualquer coisa. Mas resolvi contar a minha versão da clássica história da Branca de Neve.

De acordo com a minha visão dos fatos, a Branca de Neve não era nada pura e bacana. Ela dava uma sacaneada na rainha, que, nas minhas linhas, passou até a ser vítima, e não vilã. O desfecho não é nada convencional. Só lendo mesmo...

O texto ficou conhecido no colégio. As professoras me acharam bizarro. Meus amigos pensaram que eu estava ficando louco. E as meninas da minha sala ficaram assustadas por eu destruir uma das heroínas românticas da humanidade.

**Só sei que a redação não pegou bem e eu fiquei malfalado na escola. Mas nem era pra tanto, vai...
Confiram!**

Branca de Neve - versão nunca antes contada

A clássica história da Branca de Neve todo mundo já conhece. Ah, a pobre e cândida donzela, perseguida por sua madrasta cruel, a rainha, por ser mais bela que a megera. Ah, a princesa pura que ganhou o abrigo e o carinho de sete anões e de todos os bichinhos da floresta. Ah, a senhorita que despertou da morte presente numa maçã enfeitada pela madrasta travestida de idosa, graças a um beijo de amor sincero desferido por um príncipe encantado. Ai, ai...

Bom, não foi nada disso. Eis aqui o que realmente aconteceu.

Todos sabem que o espelho da madrasta falava com ela o tempo todo e “caguetava” que a Branca de Neve era a mais bela. Balela. Espelho não fala coisa nenhuma, a madrasta é que era drogada e vivia à base de barbitúricos. Levava altos papos com espelho,